



O ENCONTRO COMO CATEGORIA TEOLÓGICA A PARTIR DA OBRA “EM SI MESMO COMO UM OUTRO” DE PAUL RICOEUR

(The Meeting as a theological category from the book
"Oneself as Another" by Paul Ricoeur)

Maria Alves Viana

Mestranda em Teologia Sistemática pela PUC/SP

E-mail: maviana33@uol.com.br

RESUMO

O Encontro, como categoria teológica a partir da obra de Paul Ricoeur, provoca uma reflexão acerca do Ser. A identidade que é construída na alteridade, na relação com o outro que encontra um outro si mais profundo e a compreensão do si exige a aceitação do si como sendo irremediavelmente outro. O encontro é uma experiência fundamental que permite o crescimento do ser através do outro, é experiência de diálogo, de doação e recepção constitutiva da história do ser, que o remete à busca do transcendente. Nessa dinâmica, há a apropriação de realidades diferentes que possibilitam a reformulação de algo novo. Dificilmente alguém sai de um encontro da mesma forma. Outro aspecto importante é a fecundidade da alteridade que imprime uma reflexão ético-teológica, um convite à acolhida da diversidade e do respeito ao outro, que permite a realização da justiça.

Palavras-chave: Encontro; Alteridade; Outro; Diálogo; Ética.

ABSTRACT

The Meeting, as a theological category from Paul Ricoeur's book causes a reflection on the Being. The identity that is built on otherness in relation to the other which meets another deeper himself and the understanding of himself requires acceptance of himself as hopelessly another. The meeting is a key experience that enables the growth of the being through the other, it is dialogue experience, donation and constitutive reception of the history of being, which refers to the search for the transcendent. In this dynamic there is the appropriation of different realities that allow the reformulation of something new. Hardly someone goes out a meeting in the same way. Another important aspect is the fertility of otherness that prints an ethical-theological reflection, a call for acceptance of diversity and respect for others, which allows the realization of justice.

Key-words: Meeting; Otherness; Other; Dialogue; Ethic.

INTRODUÇÃO

O ser humano tem em sua natureza a necessidade intrínseca do encontro: encontrando-se com o outro, encontra-se consigo mesmo. Esse processo de saída para o encontro é a razão pela qual o ser humano se desenvolve, cresce e se distancia de uma tendência egocêntrica. Esse encontro é fundamental para a construção das relações. O outro tem um papel decisivo na busca da autorrealização de cada pessoa.



A abertura ao encontro com o outro permite que o outro receba algo que não era seu, o eu é transformado pela simples presença do outro, que interfere diretamente no seu ser e lhe atribui uma nova realidade. O eu é aberto às novas possibilidades, provocado pelo encontro com o outro, que simultaneamente se transforma. O mundo interroga o eu e o provoca a sair, é como se cada um fosse obrigado a sair para depois, no retorno, ser e encontrar-se, ser de fato quem se é. Esse é um processo dinâmico da existência humana, processo de conversão de constante mudança.

A sociedade é marcada pela impessoalidade e pela individualidade, que são marcas expressivas da contemporaneidade. Ao considerar a necessidade intrínseca que cada ser humano tem de encontrar-se com o outro, subjaz um grande desafio para se compreender as relações humanas; ao mesmo tempo em que o ser humano necessita do outro, há uma tendência de afastar-se dele.

Diante de tal afastamento, a possibilidade de conhecer a si mesmo, de um si mesmo como um outro, de significação da própria da existência, fica comprometida, ocasionando um grande esvaziamento: a alteridade, a ética e o diálogo se fazem necessários para repensar essa questão. Buscar relações construtivas das quais a compreensão e dinâmica da realidade encontral é importante, haja vista a insistência do papa Francisco ao estimular e frisar a cultura do encontro, que convoca a Igreja a sair e dá um redirecionamento acerca da maneira de como ver o outro, como tratá-lo, etc.

Esta reflexão contribui com alguns elementos sobre a realidade encontral, tendo um olhar especial acerca do pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur, que abre uma perspectiva importante para a compreensão do si, de um si mesmo como o outro, que se refigura e se constitui no tempo. A linguagem é mediação para a compreensão de um novo mundo que se abre, de um si que diante do encontro não é mais o mesmo.

1. O ENCONTRO, VIA DA IDENTIDADE

A necessidade que o ser humano tem de encontrar-se com outro, na verdade, é condição sem a qual o ser humano não se constitui como pessoa. Esta dinâmica se dá ao longo de toda a vida. Em relação à identidade, Paul Ricoeur expressa que ela está sempre em construção, sempre a caminho, jamais um dado bruto, pré-existente, mas a ser descoberto¹.

O conhecimento de si é uma busca, uma conquista que se dá ao longo de toda uma vida. Um processo que se realiza a cada dia no ser, que sofre interferências culturais, familiares, sociais, e que fundamentalmente se dá num caminho que engloba o outro que é diferente. Esse sair de si já evoca mudança, essa mudança não é fato casual, mas parte de um processo profundo e inerente ao desenvolvimento do ser. No outro, o encontro com o diferente gera novidade, e, no retorno, um ser diferente. Susin comenta:

Seria uma tautologia banal e inocente, se esta identidade repousada no ser (é) não fosse resultante de um processo dialético que consiste num afastamento de si, reencontrando-se como sendo o “mesmo” do ponto de partida. Na identidade, por um lado, não pode haver mudança fundamental, nem pode haver conversão radical, pois

¹ SALLES, Walter. “A hermenêutica textual de Paul Ricoeur. Aportes à compreensão da identidade cristã” In: *Atualidade Teológica*, Ano XVI, 41, 2012, pp. 246-269.



em caso contrário não se re-encontraria e não haveria identificação. Mas, por outro lado, é necessário este processo dialético que passa pela diferença, pelo outro. Só assim há um retorno à identidade, pois o “idem” supõe dois momentos do mesmo, sendo o segundo momento a “ênfase” e a manifestação, a glória do primeiro, que permaneceria secreto, incognoscível e sem sentido sem esta volta pela diferença².

A identidade pessoal é fruto de um diálogo que se dá permanentemente com o outro, é um movimento de saída de si em direção ao outro, como citado anteriormente, cujo processo possibilita que a identidade seja construída e reconstruída. O ser não é um ser acabado, este está em constante processo de formação: alguns denominam de evolução, outros de crescimento rumo à maturidade humana. A busca dessa identidade se diferencia de pessoa para pessoa, o que surge no interior de cada uma delas é resultado de uma experiência que ela própria se permitiu fazer e da qual deu abertura.

No processo da identificação é importante considerar a existência de uma linha tênue entre a egologia e a ontologia, como cita Susin. Quando há o predomínio da egoidade como identidade, as relações não respeitam o ir e vir e o dar e receber, mas o eixo central e determinante é o eu, que tem em si a força de ir, que é livre e que tem diante de si o mundo que exerce sobre ele certo domínio. A paixão pela identidade, como assim é retratada, é uma marca expressiva da modernidade em seu antropocentrismo³.

Assim como há o mundo do texto, há também o mundo do encontro, pois no encontro realidades se fundem, se cruzam, se misturam e geram sempre também novos nascimentos, o ser não é mais o mesmo, está em constante mudança, faz parte de um processo. O texto tem força de transformação na vida do leitor; o encontro, se vivido em profundidade, tem em si força de renovação do próprio ser na interface com o outro, na proximidade com o outro, no gesto de acolhimento, de ternura, de reconhecimento no outro. Salles cita que “Ricoeur fala de um si que é chamado a ser construído ao longo do tempo e, pelos caminhos às vezes tortuosos da história e da existência pessoal”⁴.

A identidade que está em formação é aberta, se faz na existência, em ser para si e para o mundo que circunda o ser. A vida em comunidade, a esfera da solidariedade e da fraternidade é comprometida quando a existência do outro é negligenciada, quando o ser prescinde de uma realidade diferente, o outro, que dinamiza o seu existir. O outro é importante para que o eu seja eu e para que o ser se humanize. Essa formação da identidade se dá ao longo de toda uma vida aberta ao outro, a priori, ao transcendente.

2. O ENCONTRO: ALTERIDADE E DIÁLOGO

O encontro é uma experiência que permite o crescimento do ser através do outro: diante deste outro o eu é provocado a se abrir. Paul Ricoeur, em sua hermenêutica textual, enfatiza que uma experiência pede para ser narrada, que diante do mundo do texto que é vivo e dinâmico, há sempre uma proposta para o leitor. É um mundo, que gera uma fusão de horizontes entre o

²SUSIN, Luiz Carlos. “O esquecimento do ‘Outro’ na História do Ocidente” In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 47, 188, 1987, pp.820-838.

³ SUSIN, Luiz Carlos. “O esquecimento do “Outro” na História do Ocidente”. pp.820-838.

⁴ SALLES, Walter. “A hermenêutica textual de Paul Ricoeur. Aportes à compreensão da identidade cristã”. p. 252.



texto e o leitor, o texto que é mudo e pede uma voz⁵, na realidade encontra esta mesma dinâmica é aplicada, o eu pede a alteridade e quando se dá esta fusão de horizontes de vidas, o eu já não é o mesmo, é uma realidade em transformação. O eu sai de si para entrar no si mais profundo, assim, como a cada leitura nasce um novo ser diante do texto; a cada encontro, é pertinente afirmar que nasce um novo ser, sendo que este encontro tem força de transformação. A pessoa humana não é uma realidade acabada, mas sempre aberta a novas possibilidades.

Salles⁶ comenta que, para Ricoeur, apropriar-se de um texto é apropriar-se da variedade de mundos que a linguagem oferece, em que o leitor interpreta e atualiza, surgindo através do texto um outro eu, ou um si mesmo como outro, mais profundo, uma realidade nova. No encontro, há a apropriação de realidades diferentes, que possibilitam a reformulação de algo novo, sendo que dificilmente alguém sai de um encontro da mesma forma como entrou. A identidade é construída na alteridade. Nessa relação com o outro, se encontra um outro si mais profundo e este é a via mais segura para a compreensão do si, a qual exige a aceitação do si como sendo irremediavelmente outro.

Ricoeur, no caminho da ipseidade, exprime a questão do cógito ferido, que o eu deve sair da arrogância de si para que se possa chegar a um eu mais profundo. A saída de si e a entrada no si mais profundo resulta na ética⁷. O eu narcisista se despoja e nesse despojamento surge um outro eu, nesta dinâmica da perda do si para o reencontro do si (de si mesmo como um outro), mas um si mesmo mais amplo; a vida é contemplada e decifrada, é interpretada e narrada num movimento virtuoso de crescimento do ser, em que as perdas do eu egoísta são relativizadas pela força transformadora que o encontro provoca.

A questão do si mesmo em Ricoeur é colocada no mesmo plano da alteridade: há uma tensão entre estas duas polaridades para uma nova abordagem da questão do ser e do outro⁸. Uma dinâmica se estabelece na medida em que há um encontro entre a ipseidade e a alteridade, é um movimento no interno de autoconhecimento e, ao mesmo tempo, de reconhecimento deste novo eu em relação com o outro externo. O encontro não é fechado, mas uma relação entre estes dois pontos, o eu e o outro, em que ocorre uma troca e um movimento singular que refletem também duas dimensões, tanto a objetiva e impessoal quanto a subjetiva e pessoal.

O encontro com o outro, ao pensar a ipseidade e alteridade possibilita reflexões importantes e novos caminhos para se conceber as relações externas, uma vez que, dentro de si mesmo, uma nova dinâmica acontece que gera outro si reflexivo e histórico. Paul Ricoeur, segundo Olga Sodré, cria a via chamada hermenêutica do si mesmo e leva em conta a questão do cogito, dizendo que “vai renovar a questão do mesmo e do outro não apenas distinguindo a identidade do si-mesmo da mesmidade, mas também devolvendo à dialética do mesmo e do outro da consciência e aprofundando a concepção de alteridade desta”⁹.

⁵ Grupo de Estudos LERTE, explanação sobre a Hermenêutica Textual de Paul Ricoeur com o Prof^o Dr. Donizete, numa aula de aprofundamento sobre a questão da narrativa no dia 20 de outubro de 2015, às 14h.

⁶ SALLES, Walter. “A hermenêutica textual de Paul Ricoeur. Aportes à compreensão da identidade cristã”. pp. 242-268, aqui p. 248.

⁷ Grupo de Estudos LERTE, explanação sobre a Hermenêutica Textual de Paul Ricoeur com o Prof^o Dr. Donizete, numa de aprofundamento sobre a questão da narrativa no dia 20 de outubro de 2015, às 14h.

⁸ SODRÉ, Olga. “Percurso Filosófico para a concepção da alteridade”. pp. 157-179.

⁹ SODRÉ, Olga. “Percurso Filosófico para a concepção da alteridade”. p. 170.



O eu se constitui na alteridade, a identidade é constituída pela relação estabelecida com o outro, na ipseidade, no tempo. De um si que sai e vai ao da alteridade do outro e que a partir de então não se é mais o mesmo, se transforma; de um si mesmo que é constituído por uma série de mediações que se dá no tempo. Salles afirma que: “A vida é decifrada e tecida, um sair de si para ser o si, uma identidade construída pela mediação, apreendida para além do si”.¹⁰ A ausência da alteridade neste processo e a ignorância acerca dela provoca um individualismo, um egocentrismo que gera uma visão míope que impossibilita ao Ser ter um olhar além do que é aparente. A alteridade é a via mais segura para a compreensão do si e do outro.

Na alteridade se reconhece a existência do outro, do não eu, diferente do eu. Para encontrar o outro em sua alteridade, é necessária a compreensão e o exercício de sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, compreender e interpretar. Este exercício que permite o encontro do outro e sua validação, não o seu descarte. Quando o eu se impõe ao outro, há o descarte da alteridade, há o seu declínio, há uma crise e a alteridade fica velada.

A alteridade está situada no âmago do ser e o sujeito responde a um sentido que o ultrapassa e o precede¹¹. No encontro, a alteridade ainda que velada na relação com o outro, é questão existencial, como uma demanda interna do ser, ela está entre o ser e o outro, assim como entre o ipse e o idem. O eu para encontrar-se sai de si e busca o outro: neste encontro retorna transformado, fazendo a descoberta de um si mais profundo, mais íntimo que ele mesmo. Este movimento é necessário, está presente no ser como se estivesse impregnado no eu e que o eu se vê interpelado a ir em busca de algo, ainda que aparentemente pareça desconhecido, mas é a busca de si mesmo como uma via de descoberta e significação de sua existência.

3. O DIÁLOGO, UM CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO DO ENCONTRO

O encontro é abertura a um si mesmo e ao outro, sendo que essa abertura propicia o diálogo autêntico. Esse processo pode se comparar como o que ocorre diante do texto, em que o leitor não deve impor-se a ele com sua limitação e leitura de mundo individual e narcisista, mas deve permitir e deixar-se modelar por este texto que permite um mundo de possibilidades onde acontece a interpretação de si mesmo diante do espelho das palavras¹², diante do outro, o despojamento é necessário, o sair de si em direção ao outro permite a relação, onde o eu aceita o outro que é diferente e é igualmente importante.

Diálogo é uma experiência que deixa a realidade diante do ser. Assim, necessária se faz uma resposta que permita o situar-se no mundo, a fim de que o diálogo não fique na periferia e nem à margem, mas através da ipseidade em relação com o outro gera ruptura com o egoísmo e individualismo e um centrar-se somente no si, o eu narcisista que bloqueia a beleza de

¹⁰ SALLES, Walter. “A hermenêutica textual de Paul Ricoeur. Aportes à compreensão da identidade cristã”. p. 248.

¹¹ SODRÉ, OLGA. “Percurso Filosófico para a concepção da alteridade”. pp. 157-179.

¹² SALLES, Walter. “A hermenêutica textual de Paul Ricoeur. Aportes à compreensão da identidade cristã”. p. 247.



descobrir que na diferença e diversidade de uma relação estabelecida no encontro com o outro um novo ser nasce.

Nem todos os encontros, no entanto, são abertos e geradores de diálogo dentro e fora do ser. Muitos desses encontros que não possibilitam este processo de formação da identidade com um novo olhar à questão da alteridade, tendem a instrumentalizar e coisificar o outro num processo doentio de alienação que gera morte. A alteridade quando não vivenciada e experimentada gera conflito, pois não há partilha da vida, uma mentalidade simplista e individualista se forma, criam-se rótulos e preconceitos, a ética que possibilita a vivência comum é sucumbida onde a única via reversa é o diálogo.

Muito da alienação é oriunda do campo da subjetividade, que visa a construir um encontro somente com base numa simples intuição. O diálogo é feito no concreto da vida humana, nas relações que se estabelecem e que podem construir uma vida gostosa de se viver. Muito dos desencontros se dão por conta dessa falta da proximidade com o outro e com suas ideias, do confronto, do repensar e do diálogo propriamente dito. Salles diz que alienação se dá quando o outro é visto como um obstáculo¹³; no entanto, reconhecer a existência do outro, do não eu e que é diferente do eu, a falta de compreensão desta realidade de encontro com o outro em sua alteridade inviabiliza o diálogo, pois o importante exercício de sair de si e ir ao encontro do outro não acontece.

Na realidade atual, o outro é facilmente descartado, uma vez que este representa um obstáculo. Quando o eu se sobrepõe ao outro, desencadeia um difícil processo de convivência, o outro que é diferente se torna invisível. A que se considerar, todo o estresse que as pessoas vivem hoje, pela falta da compreensão da importância do outro, faz-se plausível pensar sobre: a disputa acirrada que os profissionais vivem no mercado de trabalho, em que a competitividade é tida como regra de ouro e para se obter o sucesso e o poder, vale tudo; o outro que está à margem da sociedade e tornou-se invisível, a indiferença diante do outro que sofre, pessoas que rodeadas de amigos virtuais fazem a experiência da solidão, “quando se substitui a presença real pela virtual, quando se impõe a concorrência em vez da solidariedade, quando isolamento restringe a companhia e quando o individualismo ocupa o lugar da partilha e da relação pessoal”¹⁴, a vida perde o sentido.

O processo de abertura é imprescindível para o desenvolvimento do ser, da comunidade, da sociedade. A falta de diálogo, objeto do fechamento em que se observa a sociedade atual, justifica uma possível afirmação de que hoje se vive numa crise da alteridade; pode até ser que ela esteja velada, como comentam alguns autores, contudo, nesse cenário de ausência de diálogo, pode-se desencadear um processo alienizante. O diálogo gera proximidade, em que não somente a linguagem verbal acontece, mas a simbólica, estimulando-se o afeto e constituindo-se a relação. O ser não se realiza apenas na busca pela sobrevivência, mas na experiência e na arte do viver.

¹³ SALLES, Walter. “A hermenêutica textual de Paul Ricoeur. Aportes à compreensão da identidade cristã”. p. 268.

¹⁴ LIBANIO, J. B. e CUNHA, CARLOS. *Linguagens sobre Jesus: as linguagens tradicional, neotradicional, pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal*. São Paulo; Paulus, 2011, p. 68.



4. O ENCONTRO COMO CATEGORIA TEOLÓGICA

Os encontros não são casuais, mas necessários, consideradas suas ressonâncias na vida, devem ser entendidos como componentes da própria existência. Quando há de fato o encontro, pressupõe-se uma escolha de encontrar-se e fazer-se encontro: a partir desse momento, há na consciência uma abertura que exclui o isolamento e conseqüente fechamento. O encontro pressupõe uma busca, não somente do outro, mas do próprio ser em si mesmo, busca-se fora algo que pertence ao interno, esta relação dialética é inerente, sair de si em direção ao outro, conhecê-lo é caminho para conhecer a si mesmo. A formação dos valores se dá na relação com o outro e não somente com a realidade ao redor.

Pensar o êxodo de si num aspecto kenótico faz relação com o ensinamento de Jesus Cristo, quando ele afirma que quem perder a sua vida por causa do Reino vai ganhá-la. O Reino pressupõe o outro, aceitá-lo e encontrá-lo. No encontro com Jesus, narrado nos evangelhos, as diversas experiências de curas e de milagres são encontros que têm força de transformação: em cada encontro com Jesus, o eu é transformado, um outro si nasce, se refigura, se transcende em sua imanência.

A reflexão acerca da realidade encontrada remete à questão da linguagem narrativa em Paul Ricoeur, da linguagem que é mediação para o ser humano, linguagem que é constituinte do sujeito. O conhecer a si-mesmo carece de uma via, uma via chamada via longa, a do desvio pelo outro, pela alteridade pela dialética do mesmo e do outro¹⁵. No encontro como categoria teológica o outro, neste contexto, é via para o encontro com Deus, que na experiência da vida chamada a ser comunhão, convida cada um a ser comunidade com o outro para uma descoberta do próprio ser. Para se chegar ao Pai é necessário o outro, Jesus, “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14,6), Ele é o caminho (Jo 14,6), o encontro se dá neste caminho, que realiza e plenifica o ser.

O encontro como categoria teológica em Paul Ricoeur, se configura através da linguagem que promove o encontro. Quando a linguagem não proporciona o encontro, pode-se dizer que deturpa a verdadeira essência do projeto divino. O ser humano é chamado a viver a plena comunhão com toda a criação, onde acessa o outro pela linguagem para obter o conhecimento da verdade, conhecimento de si e ao mesmo tempo o cumprimento do plano de Deus¹⁶. Jesus, o Verbo Divino, em sua encarnação, restitui ao ser humano a comunhão perdida em Adão e Eva (1Cor 15,12; 15,21; Rm 5,12), com o Criador e também com o seu próximo, o outro. De certa maneira, a cultura do encontro é estimulada por Jesus; nesse sentido, é reestabelecido um elemento fundamental da condição humana, que é o aproximar-se do outro.

O aproximar-se do outro exige o processo de abertura e também de esvaziamento de saída de si; em Paul Ricoeur, o caminho da ipseidade, que ao falar da questão do cogito ferido pressupõe que o eu deve sair da arrogância de si mesmo para chegar ao seu eu mais profundo. No poço de Jacó (Jo 4ss), observa-se esse processo citado pelo filósofo, onde Jesus se encontra com uma mulher da Samaria e inicia um diálogo: num caminho de alteridade a provoca a sair de si. Nesta narrativa, a vida desta mulher é refigurada e transformada, no relato que segue a mulher samaritana faz todo um processo que se dá passo a passo, num

¹⁵ LEVY, Davi. “A Identidade narrativa: conhecer o si mesmo é narrar a sua história”. In: *Revista Mente, Cérebro e Filosofia: presença do outro e interpretação (Ricoeur e Gadamer)*, n. 11, pp. 50-57.

¹⁶ Entrevista com o professor Doutor Edelcio em 18 de novembro de 2015 às 11h.



desvio pela crítica reflexiva onde ela O vê primeiramente como um homem qualquer, depois O reconhece como profeta e por último como Cristo, o Messias. Este encontro com Jesus retira esta mulher de sua consciência de engano, a conduz ao si mais próprio, fazendo-a alcançar uma identidade mais autêntica¹⁷. Pela história narrada, um eu reflexivo é provocado a sair e se constituir; no encontro, a conversão.

Na perícopa da parábola do samaritano (Lc 10, 23-37), num diálogo de Jesus com o escriba, aparecem os dois maiores mandamentos: o do amor a Deus e ao próximo. O escriba pergunta a Jesus quem é o seu eu próximo para que eu o ame; para dizer acerca do próximo, Jesus conta a parábola e inverte a questão. Neste fazer-se próximo, o encontro contém o processo soteriológico, em que se alcança a comunhão com Deus: antes, porém, se faz necessário passar pelo outro, tornar-se próximo do outro. Nesse relato, o encontro é um elemento fundamental, Jesus ensina e coloca a dimensão do encontro como noção teológica fundamental para se alcançar a comunhão com Deus.

Refletir sobre essa dimensão do encontro como categoria teológica é condição *sine qua non* para se compreender o que significa o encontro com Jesus, uma chave de leitura para se compreender a realidade complexa permeada de tantos desencontros. Vale a pena lembrar a afirmação do Papa Bento XVI, em sua primeira Encíclica *Deus Caritas est*: “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”¹⁸. Citando esta afirmação, diz o Papa Francisco:

Somente a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?¹⁹

O encontro refletido como categoria teológica perpassa toda a dinâmica da identidade, da alteridade, do diálogo, recolocando na condição humana o encontro com o outro como uma dimensão teológica fundamental para a comunhão com Deus. Fomentar a cultura do encontro tão protagonizada pelo Papa Francisco é um desafio, mas que ele próprio já começou, acrescenta o papa:

“A Igreja não existe em si mesma – o mundo em geral a interpela”. E o mundo em geral também não existe em si mesmo – há uma Realidade maior que o interpela, da qual a Igreja é chamada a ser comunicadora. Se existem “muros que nos dividem”, afirma o papa, eles só podem ser superados “se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros”, porque “a cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também receber dos outros”²⁰.

¹⁷ LEVY, DAVI. “A Identidade narrativa: conhecer o si mesmo é narrar a sua história”. In: *Revista Mente, Cérebro e Filosofia: presença do outro e interpretação (Ricoeur e Gadamer)*, n. 11, pp. 50-57.

¹⁸ BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Deus Caritas est*. São Paulo: Paulus, 2005.

¹⁹ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. n.8

²⁰ SBARDELOTTO, Moisés. *As linhas mestras de uma “comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”*: proximidade, diálogo e ternura. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/5315>. Acesso em 28.03.2015.



CONCLUSÃO

O abrir-se ao outro implica o êxodo pessoal, pois aquele que sai de si o faz para encontrar-se com alguém ou algo. Esse percurso faz parte de uma descoberta do ser no outro, essa busca gera abertura e o inverso dessa ação é o fechamento de cada ser em seu ser, que é limitado. A relação propicia a abertura, no entanto, é a compreensão do outro que é diferente, que existe independentemente de cada um que estabelece um autêntico caminho de significação do ser, concomitantemente, em que há no interior do ser uma aspiração por conhecer a si mesmo.

Sendo hoje a sociedade centrada no indivíduo, ele o valor e fonte em si mesmo, como pensar a questão do outro num ambiente onde a primazia não é do coletivo e sim do indivíduo? No cenário contemporâneo, as relações são instrumentalizadas, há uma crescente corrente individualista que provoca um vazio nas relações humanas. As pessoas não se preocupam mais umas com as outras, o senso de responsabilidade coletiva é comprometida e reduzida, o meio ambiente sofre as consequências danosas deste tipo de sociedade que privilegia o individual, cria-se um ambiente doente onde as pessoas terão mais dificuldades para ter uma consciência crítica perante sua própria identidade e razão de ser e existir no mundo.

Na realidade encontrada, o constante exercício da alteridade realiza a possibilidade da ética como um percurso onde cada ser é interpelado a compreender-se no cosmos, a fazer parte desta dinâmica existencial de constituição de uma identidade a partir do outro, de um si mesmo como um outro, que se abre em relação deste processo dialético que passa pela diferença do outro, assim o eu se encontra e um novo ser nasce, se refigura a cada encontro.

Jesus Cristo, o “caminho, a verdade e a vida”(Jo 14,6), encarnou-se e encontrou-se na condição humana e fez lugar do encontro, onde cada ser humano pode encontrar-se com Deus, o Pai, por Ele. Jesus ensinou como se fazer próximo e revelou quem é esse próximo. Encontrar o irmão, se fazer irmão do outro, constituir-se nele e amá-lo com a si próprio. Na alteridade, no diálogo, na busca da compreensão do sentido mais profundo da existência humana, a vida de Jesus e o seu caminhar é resposta. Nas narrativas dos Evangelhos há encontros que têm força soteriológica que redimensionam a vida daqueles que deixaram por Jesus interpelar e hoje também acontece a mesma dinâmica. O encontro como categoria teológica exige um aprofundamento e uma amplitude maior, um ethos que defina a vida dos cristãos e os faça ser presença viva do Cristo, num diálogo com todos por via de alteridade que transforma e qualifica.

A serviço da cultura do encontro, a Igreja toda e toda a Igreja deve se colocar numa diaconia que a refigure, descobrir que no ser limitado de cada um há a necessidade de encontrar-se no outro. A sociedade hodierna, mergulhada num subjetivismo e individualismo, oculta a alteridade, transforma as pessoas em objetos que facilmente podem ser descartados, pessoas que perderam o hábito de relacionar-se, de escutar, de olhar para ver no outro um ser importante, de interagir de fazer-se humano.

O papa Francisco tem convocado a Igreja para que seja “a Igreja em saída”, que vai ao encontro do outro; considerando a questão da alteridade, pensar uma Igreja que, através de cada fiel possa encontrar-se no outro, pois somente assim pode ser ela mesma”²¹. O Cristo,

²¹ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, nº 20, p. 20.



não para em si mesmo, fazendo-Se encontro para o outro: essa experiência vivenciada e testemunhada transmite uma grande alegria que contagia, que é dom e Graça.

Ao pensar sobre um “si mesmo como outro” em Paul Ricoeur, que possibilita um aprofundamento acerca da identidade e de quem é este si e, ao mesmo tempo, pensar no convite do papa Francisco de viver e estimular a cultura do encontro, tendo como pilares a proximidade, a ternura e o diálogo, a reflexão sobre o encontro como categoria teológica, se torna portanto, parâmetro imprescindível para a construção de uma nova realidade que dê mais sentido e dinamismo à vida do ser e, conseqüentemente à vida da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Livros

LIBANIO, João Batista; CUNHA, Carlos. *Linguagens sobre Jesus: as linguagens tradicional, neotradicional, pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal*. São Paulo: Paulus, 2011.

Documentos do Magistério

BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Deus Caritas est*. São Paulo: Paulus, 2005.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

Artigos

LEVY, Davi. “A Identidade narrativa: conhecer o si mesmo é narrar a sua história”. In: *Revista Mente, Cérebro e Filosofia: presença do outro e interpretação (Ricoeur e Gadamer)*. n. 11, pp. 50-57.

SALLES, Walter. “A hermenêutica textual de Paul Ricoeur. Aportes à compreensão da identidade cristã”. In: *Atualidade Teológica*, v. 16, n. 41, 2012, pp. 246-269.

SILVA, Daniela. “Paul Ricoeur: o si-mesmo como um outro”. In: *Letras de Hoje* Porto Alegre, v. 43, n.4, 2008, pp. 99-112.

SODRÉ, Olga. “Percurso Filosófico para a concepção da alteridade”. In: *Revista Síntese*. Belo Horizonte, v. 34, n. 109, 2007, pp. 157-179.

SUSIN, Luiz Carlos. “O esquecimento do ‘Outro’ na História do Ocidente”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, v. 47, n. 188, 1987, pp. 820-838.

Sites

SBARDELOTTO, Moisés. *As linhas mestras de uma “comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”*: proximidade, diálogo e ternura. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/5315>. Acesso em 28.03.2015.